

MARIA MARIANA NETO GUERREIRO

mariananeto@gmail.com

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

AS POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DA RÁDIO PARA CRIANÇAS E JOVENS

RESUMO

O panorama comunicacional atual pauta-se pela multiplicidade de meios e de canais de produção e difusão de conteúdos. A rádio, na tentativa de integrar este cenário, alia-se à Internet criando plataformas digitais que assegurem a divulgação dos seus conteúdos e reformulando a relação que estabelece com os ouvintes.

Refletindo sobre o impacto dos media na sociedade atual, interrogamo-nos sobre o papel da escola enquanto veículo transmissor de conhecimento e qual a relação que estabelece com os meios de comunicação. O papel de destaque da Internet aliada aos meios de comunicação desperta o interesse para a educação para os *media* e a pertinência da sua discussão em relação às crianças e jovens.

A par da atualidade deste tema, surgem projetos e iniciativas que pretendem utilizar os recursos cedidos pelos meios de comunicação e Internet para potenciar o acesso a um conhecimento informado. Alguns deles utilizam a rádio, em ambiente digital, com o intuito de reforçar e estimular o desenvolvimento ou aperfeiçoamento de capacidades de comunicação e expressão das crianças e jovens participantes. Este meio de comunicação, aliado ao digital, torna-se de fácil acesso e custo, o que permite um investimento relativamente baixo para a execução dos projetos.

Nesta proposta de comunicação exploramos as potencialidades educativas da rádio para crianças e jovens de dois projetos distintos. Um dos projetos encontra-se integrado em ambiente escolar e o outro em ambiente extraescolar com perspetivas de inclusão social. O objetivo deste trabalho é explorar o potencial da rádio enquanto meio educativo. Assim, depois de realizados os grupos de foco, entrevistas e observação, são apresentados os resultados que se focam na análise das competências técnicas e sociais e dos entraves e facilidades à execução dos projetos.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio; Internet; educação para os *media*

A RÁDIO E A EDUCAÇÃO

Tendo em consideração que a educação para os *media* se trata “de um conjunto de competências (e processos da respetiva aquisição) relativas ao acesso, uso esclarecido e análise crítica (interpretação) dos *media*” (Pereira, 2010 citado em Silveira, 2011, p. 798), a educação tem vindo a tirar partido e a investir na rádio, até porque a sua introdução na educação traz vantagens como o incentivo à leitura e produção de textos para as emissões, o desenvolvimento da oralidade e da narrativa, a possibilidade de pesquisa e capacidade de seleção, o uso informado de novas tecnologias, o fomento de uma capacidade comunicativa e de reflexão crítica e a criação de uma nova relação entre aluno, professor e comunidade educativa baseada na troca de informação e conhecimento (Junior e Coutinho, 2008, pp. 104-105).

Quando se fala de rádio no meio escolar, é possível enumerar práticas e vantagens que surgem deste tipo de projetos: o trabalho de expressão que inclui a respiração, a dicção, projeção e tom; o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos; a investigação e exploração de documentos; o desenvolvimento de um sentimento crítico e de avaliação (Gonnet, 2007, p.116).

A rádio em contexto educacional, projeto que está a ganhar mais visibilidade, aparenta ter duas maneiras possíveis de se expressar no espaço escolar. Por um lado, é utilizada, no âmbito da educação para os *media*, como objeto de estudo em sala de aula; por outro, é o projeto e o verdadeiro veículo de aprendizagem.

APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS ANALISADOS

O projeto RadioActive Europe, financiado pela Comissão Europeia através do programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, procura desenvolver e implementar uma plataforma na Internet para uma rádio pan-europeia, incorporando a ferramenta de *Web 2.0*, ligada a metodologias pedagógicas inovadoras a desenvolver junto de comunidades juvenis em contexto de semi-exclusão, com o objetivo de abordar assuntos de inclusão e cidadania ativa de uma forma original e estimulante.

O outro projeto em análise, Projeto Rádio e TV Escolas, conta com o apoio da Divisão de Juventude da Câmara Municipal de Cascais, na sua vertente de Comunicação e Informação. O projeto consiste em criar estúdios de rádio/televisão nas escolas, apoiar a criação de estruturas que permitam

uma gestão autónoma dos equipamentos pelas escolas e estruturar o *site* de divulgação de conteúdos.

A tabela seguinte apresenta as orientações metodológicas que nortearam o trabalho com os projetos.

PROJETO RÁDIO E TV NAS ESCOLAS		PROJETO RADIOACTIVE 101
ENTREVISTAS		Renato e José (entrevista coletiva) - Centro Metas Jonas - Centro Metas
Escola Secundária Ibn Mucana	Rosário Valente- professora e coordenadora da TRIM (Televisão e rádio Ibn Mucana)	
Escola Secundária Frei Gonçalo de Azevedo	João Pinto- aluno e coordenador da RTA	
Geração C, Câmara Municipal de Cascais	João e Sílvia- apoiam o desenvolvimento do projeto	
Grupos de foco Escola Secundária Ibn Mucana	GF1: Joana (17 anos), Rodrigo (15 anos, Raquel (15 anos). GF2: Maria (15 anos), Mafalda (18 anos), Inês (18 anos), Bruno (17 anos). GF3: Joana (12 anos), Duarte (12 anos), Tiago (12 anos), Inês (12 anos), Miguel (12 anos), Margarida (12 anos), Matilde (12 anos).	

Tabela 1 - Participantes nos projetos entrevistados

ANÁLISE DE RESULTADOS: COMPETÊNCIAS TÉCNICAS

No RadioActive 101, Jonas salienta a oportunidade dada pelo projeto aos jovens para terem contacto com materiais a que de outro modo, poderiam não ter acesso: “eles aprendem também a mexer em coisas que, se calhar, não tinham oportunidade de mexer em outra ocasião. Por exemplo, nós através deste projeto conseguimos receber material que se calhar não tínhamos (...) e estamos a ter formações”. Por sua vez, Renato explica como os jovens desenvolvem capacidades através da participação nestes projetos: “os jovens, primeiro, com este tipo de iniciativa e atividades como é a rádio adquirem ferramentas mais técnicas, mais de conhecimento de programas, de edição, de montagem e tudo mais”. José é quem mais contacto tem com a parte técnica da rádio: “na rádio o meu papel é edição técnica, ou seja, tudo o que é gravado, tudo o que é posto no programa passa pelas minhas mãos para ser editado e para ser nivelado e essas coisas todas técnicas”.

Bruno, da Escola Secundária Ibn Mucana, explica que, na rádio: “desenvolvemos competências e capacidades que não têm nada a ver com

aquilo que estamos a dar nas aulas. Às vezes é resolver problemas na edição ou fazer uma entrevista, andar a correr de um lado para o outro e tentar resolver os problemas, se combinámos com uma pessoa ou com outra uma reportagem, esse tipo de situações que provavelmente vão acontecer no mundo do trabalho, nós vemo-nos, na nossa escola, numa situação em que nas aulas nunca tínhamos possibilidade de o fazer. Eu acho que é nesse sentido a grande vantagem”.

A TRIM – Televisão e Rádio Escola Secundária Ibn Mucana, abarca alunos do segundo ciclo ao ensino secundário (sendo que apenas fazem parte deste estudo alunos de 3.º ciclo e ensino secundário). Joana explica como se processa a dinâmica de aprendizagem: “nós vamos sempre dividindo, uns que estão cá há mais tempo com os mais novos para eles irem aprendendo, tipo estagiário que vai aprendendo enquanto nós vamos fazendo e depois damos uma oportunidade para eles irem experimentando também”.

Na Escola Frei Gonçalo de Azevedo a dinâmica da rádio é diferente visto que o seu coordenador é João Pinto, aluno da escola. Neste papel, João tem todo um trabalho de formação com a sua equipa: “Marcamos horas portanto, no dia, vamos pensar na segunda-feira vou ter lá alguém que não está habituado, portanto o que é que eu faço? Venho à segunda-feira, estou com ele aqueles três intervalos mesmo tendo aulas estou cá o dia inteiro, durante os três intervalos, está sempre acompanhado, portanto o que é que eu acabo por fazer? Acabo por lhe fazer uma primeira introdução para ele perceber o que é que deve dizer, os pontos básicos, acabámos de ouvir uma música, indicar o nome da música (...) há sempre todo este trabalho que, nestes dias que eles estão a aprender, eu faço todo esse trabalho de lhe explicar e de lhe dizer o que é que ele vai introduzir”.

Para além deste trabalho de formação dos colegas, João também organiza as grelhas de programação da rádio e fichas técnicas, género de atas, onde fica escrito quem esteve na rádio e que trabalho efetuou. As mesas de mistura e os programas de edição são aquilo de que João fala com mais entusiasmo, explicando como funcionam as ligações da mesa, os diferentes microfones e a passagem dos diversos elementos para os computadores.

Na Escola Secundária Ibn Mucana, crianças mais novas que participaram no grupo de foco quando confrontadas com o que as motivou a quererem fazer parte da TRIM explicaram que foi sobretudo para aprender coisas novas e para pôr música nos intervalos: “porque é fixe, gostamos de nos exprimirmos e de aprender novas coisas. Temos oportunidade de ter coisas que os nossos pais não tiveram. Temos aprendido algumas coisas, temos oportunidade de fazer entrevistas e de pôr músicas no intervalo; era

para pôr a música, conhecer novas pessoas, para depois entrar nos projetos que eles fazem”. Ainda sobre a experiência que têm na rádio dizem que já aprenderam a trabalhar com programas de edição e que já aprenderam a exprimir-se: “aprendemos a conviver; a entrevistar; a falar diante da câmara; aprendemos a não ter medo de nos exprimirmos”.

Fazendo um apanho do que foi mencionado pelos entrevistados, podemos afirmar que, em relação às competências técnicas, os jovens aprendem a trabalhar com programas de edição de som e imagem, aprendem a fazer grelhas de programação e a estruturar um programa de rádio, têm acesso a material e formação que não teriam sem estarem inseridos nos projetos e têm a possibilidade de fazer parte de um clube, de um projeto, que lhes proporciona experiências enriquecedoras até para o futuro.

ANÁLISE DE RESULTADOS: COMPETÊNCIAS SOCIAIS

Renato, do projeto RadioActive 101, fala-nos sobre o pensamento que norteia o trabalho no centro: “eu sozinho não faço a rádio mas todos fazemos a rádio”. Partindo deste pensamento, nota, tem que existir toda uma organização que permita que as coisas sejam feitas com método e com a participação de todos: “adquirem um bocadinho de trabalho em equipa (...) então eles têm de trabalhar em grupo, têm de pensar em temas, temas esses que têm de ser abordados nos programas, pensar nos conteúdos, falar com pessoas para gravar, arranjar sítios para gravar, ter a noção do material que é preciso para fazer a gravação, acho que isso tudo são mais-valias para estes miúdos que, normalmente, não têm acesso a este tipo de material e a este tipo de trabalho”.

A coisa mais importante, na visão de José, em relação aos programas que realizam, é a seriedade e o carinho que põem em cada emissão: “Acho que a coisa mais importante, para além de a gente fazer estes programas, nós somos fieis ouvintes, ou seja, a gente no dia a dia, a gente ouve rádio, ouve música, e então tem uma ideia de como se faz as coisas mesmo que a gente não tenha nenhuma experiência, a gente no subconsciente vai adquirindo um bocado dessas ferramentas e então a gente vai ouvindo programas de rádio e emissões ao longo do dia no carro ou assim e então o que a gente procurou foi fazer algo que fosse agradável de toda a gente ouvir mas, acima de tudo, que nos desse prazer a nós fazer e poder dizer assim ‘Não, isto é o nosso trabalho e por acaso está bem feito’. Não quero ser egocêntrico acerca do nosso trabalho aqui mas a questão é a gente poder dizer assim ‘A gente gosta disto mas, acima de tudo, as outras pessoas

também gostam' e acho que o prazer de fazer alguma coisa é no fim poder receber os elogios e ouvir os *feedbacks* das pessoas”.

Também Jonas chama a atenção para uma questão bastante pertinente no que toca ao projeto RadioActive 101, que é a importância destes jovens darem a sua opinião e exprimirem os seus pensamentos livremente: “têm visibilidade para tudo o que eles queiram fazer e têm voz também, eles próprios, eles conseguem fazer-se ouvir, ou seja, conseguem dar a perspetiva deles”.

Alguns alunos da Escola Secundária Ibn Mucana, mais novos, também explicam que, na TRIM, o seu comportamento é diferente do que têm nas aulas: “podemos falar quando quisermos, podemos tratar as pessoas por tu. A relação com o professor é mais casual”. Até a professora faz referência a esta ligação que estabelece com os alunos apontando-a como um ponto positivo nestes projetos: “aqui há um espírito familiar muito grande, eles até por brincadeira chamam-me mãe, há um aluno meu que já acabou e que veio fazer uma visita e entrou na sala ‘então, mãe, posso entrar?’ e os meus alunos começaram todos a olhar para mim ‘Mãe?!’ porque, de facto, há aqui uma... tem que haver, tem que haver uma ligação porque nós estamos aqui muitas horas”.

Rosário aponta ainda algumas competências que acredita que os jovens não conseguiam desenvolver se não estivessem integrados neste tipo de projetos: “em termos dessas competências, do saber estar, do saber ouvir, do espírito de equipa, do esforço, de saberem que as coisas não aparecem por nada, do espírito de sacrifício, isto eles só têm aqui”.

Bruno, da Escola Secundária Ibn Mucana, faz referência à importância de aprender a trabalhar em grupo e da autogestão para ter sucesso neste tipo de projetos: “é um lado da educação que passa muito por nós, nós temos de aprender a fazer muitas das coisas sozinhos, principalmente a trabalhar em equipa, que parece muito fácil fazer trabalhos de grupo, que é a única coisa que fazemos nas aulas normais, mas que é bastante complicado tentarmos coordenar-nos uns aos outros”.

Perante este levantamento de testemunhos recolhidos a partir das entrevistas e dos grupos de foco realizados podemos dizer que os jovens que frequentam este tipo de projetos aprendem a trabalhar em grupo, a delinear e a atingir metas de trabalho, a conviver e a repartir tarefas, a fazer aquilo de que gostam com dedicação e a investir na sua formação enquanto alunos e enquanto futuros profissionais. Acima de tudo, os alunos adquirem a sua voz, a sua liberdade, perante a comunidade escolar, perante os colegas e amigos e transformam-se em cidadãos ativos da realidade em que estão inseridos.

ENTRAVES E FACILIDADES NA EXECUÇÃO DOS PROJETOS

No projeto RadioActive 101, os jovens entrevistados não fazem referência a obstáculos que limitem a sua liberdade de expressão ou a sua autonomia enquanto membros do projeto. Renato explica antes que a rádio trabalha para e com a comunidade e que a ideia que orienta os programas é a relação entre os jovens e algo que desperte o seu interesse e que dê destaque a pessoas da comunidade: “na altura quando pensámos fazer isto da rádio, nós pensámos em arranjar temas para cada programa, então pensámos como aqui a freguesia tem bastantes pessoas ligadas à arte e à cultura, nós pensámos começar com ‘os jovens e a comunidade’, falar um bocadinho sobre aquilo que estes miúdos e que as pessoas aqui da comunidade fazem (...) e agora sim, pensar em fazer ‘os jovens e a educação’”. O maior obstáculo que enfrentam, explica, é fazer algo que lhes dê prazer e que, acima de tudo, esteja bem feito: “juntos vamos tentando enquadrar isto tudo para tentar que fique algo, fique no ouvido das pessoas mas também fique no nosso, eu era incapaz de por alguma coisa para o ar se não gostasse, então é isso que nos destaca aqui, nunca fazemos nada que para nós não esteja bem”. Neste tipo de projetos, muitas vezes, é preciso aprender a contornar os obstáculos à motivação, ao compromisso e à concentração, daí a importância, referida por Renato, de os jovens estarem a fazer algo que os motive e que lhes dê prazer. O trabalho com a comunidade é um elemento de motivação e uma característica que destaca este projeto pois os jovens tentam sempre, nos seus programas, envolver a comunidade, os seus artistas, as pessoas que possam contribuir com o seu talento e sabedoria para um melhor programa.

Diferente é a dinâmica de programação na Escola Secundária Ibn Mucana. Para além da estreita ligação quem mantêm com a Geração C, Joana, do grupo de foco 1, explica como se processa a escolha de conteúdos: “maior parte dos eventos que nós filmamos e fazemos reportagens são eventos da escola que nós também achamos interesse e que a escola nos pede para nós irmos filmar e fazer a reportagem. Neste momento nós temos também, tivemos em grupo uma ideia de criar um programa nosso, mesmo nosso, foi ideia do grupo e nós é que escolhemos o tema que a reportagem vai abordar. Neste caso o ‘Fala por Ti’”. Podemos afirmar que, comparando a realidade da rádio escolar à do RadioActive, estes jovens possuem menos liberdade, uma vez que os conteúdos que são tratados advêm da direção da escola ou da Geração C, na maior parte das vezes.

Seguindo esta linha de pensamento, Joana frisa a importância da rádio da escola: “aquilo que nós queríamos era dar voz aos alunos desta

escola, acho que é para isso que a rádio serve, não só para darmos a nossa opinião mas também para darmos a ouvir a opinião dos outros que não estão cá mas que nós os queremos representar e às vezes não podemos dizer tudo aquilo que gostaríamos”. Também na escola Frei Gonçalo, João fala do cuidado que os alunos da rádio têm de ter com as músicas que fazem parte da programação e que, muitas vezes, vão rever as letras para garantir que os conteúdos são apropriados ao ambiente escolar.

Por sua vez, Bruno, membro do grupo de foco 2, fala também da falta de apoio de alguns professores: “por exemplo o ano passado tivemos de parar de pôr música porque os professores não gostavam de ouvir música nos intervalos porque fazia muito barulho. Depois voltámos a pôr música, porque conseguimos convencer esses professores, mas só podíamos pôr um determinado tipo de música, e são esses entraves todos que nós vamos encontrando que nos dificulta e perdemos um bocado a motivação. Se calhar podíamos fazer muito mais coisas nesse ano e não fizemos porque estávamos a tentar convencer os professores para poder passar a música, nem sequer pensámos em fazer um programa porque não podíamos passar coisas na rádio, e isso vai-nos impedindo um pouco de ir mais além e tentar evoluir um bocadinho mais”. A falta de apoio por parte do corpo docente inviabiliza grande parte dos objetivos destes projetos uma vez que limita a ação e a liberdade dos jovens e coloca entraves ao progresso.

Este é um problema, também referido por João, da Escola Frei Gonçalo de Azevedo, que considera que há falta de apoio e de incentivo por parte dos professores à rádio da escola, das queixas sobre o barulho e sobre as escolhas musicais: “portanto a escola está toda equipada com sistema de som em certos pontos, desde o bar de alunos, sala de professores, secretaria, até na própria direção e o que é que nós nos apercebemos? Que esse sistema de som está constantemente desligado. Tudo bem, e temos noção que se calhar o tipo de música que muitas vezes está a ser passada não é aquilo que atinge os professores talvez, eu não sei porque não estou na sala de professores, talvez quando estão a passar notícias ou quando estamos a dar alguma informação, eles ativem o sistema de som na sala de professores ou não, mas a maioria das vezes está sempre desligado e queixam-se do barulho, do incómodo que é a rádio na escola”. Para além da falta de incentivo por parte do corpo docente, João ainda frisa a preocupação por parte da RTA e dos seus participantes em abordar assuntos que sejam do interesse não só dos alunos mas da comunidade escolar em geral, como por exemplo, o programa Notícias em Alta, ao qual se fez referência no capítulo anterior. As emissões da RTA, quase sempre em direto, decorrem

nos três intervalos da manhã: “espontaneamente podemos emitir nos intervalos da tarde, mas é muito raro”, diz João.

Podemos concluir que representam entraves ao desenvolvimento destes projetos a falta de motivação dos alunos gerada quer por obstáculos impostos pela comunidade escolar quer pela falta de interesse em relação aos assuntos tratados, a falta de apoio por parte do corpo docente, as reclamações em relação à música ou aos conteúdos programáticos, a dificuldade de concentração, entre outros. Embora existam aspetos a melhorar também existem facilidades no que diz respeito à implementação e ao desenvolvimento dos projetos, como vamos analisar de seguida.

Quando confrontado com as facilidades que este tipo de projetos proporcionam aos jovens, Jonas chama a atenção para o financiamento por parte do programa Escolhas, do RadioActive, mas também a capacidade de liderança destes três jovens que se constituem como “peças” fundamentais no desenvolvimento das atividades e no investimento na formação dos jovens do centro.

Noutra perspetiva, e incidindo sobre o papel do espaço e não somente do projeto RadioActive 101, Renato enumera quais os objetivos que percorrem: “no que diz respeito à parte mais técnica, o objetivo do espaço é fornecer-lhes ferramentas e conhecimento a nível técnico para que eles em casa também possam trabalhar um bocadinho aquilo mesmo para os trabalhos deles pessoais, eles conhecerem um bocadinho melhor o programa, é isto que nós tentamos fazer. Por exemplo, nós lá dentro na informática trabalhamos alguns programas de edição de imagem, eu trabalho mais com a parte de edição de imagem, e o objetivo é esse, é explicar-lhes e deixá-los trabalhar (...)”. José, por sua vez, ressalva o facto de este tipo de projetos abrirem novos horizontes às crianças e jovens participantes e frisa a possibilidade de se constituírem num investimento futuro.

A professora Rosário Valente, quando se fala em apoio financeiro, começa logo por dizer que a rádio só existe por causa da iniciativa da Câmara Municipal de Cascais explicando: “são eles que nos apoiam, quer a nível financeiro, e isso é importante, mas a nível técnico também têm uma equipa que vem às escolas e que nos apoia e que nos aconselha em determinados aspetos”. Apesar de a rádio ser uma “carolice da nossa parte”, como explica pois, foram os membros da TRIM que montaram o estúdio: “os materiais, foi tudo da Câmara. Se não, não tínhamos rádio na Ibn Mucana”.

O financiamento e, por sua vez, a existência de projetos e iniciativas que permitam a integração e o desenvolvimento deste tipo de projetos na

área da educação para os *media* são a base de crescimento e disseminação dos projetos que, sem qualquer tipo de apoio financeiro, não têm capacidade para se implementar, como foi possível testemunhar através das entrevistas e grupos de foco realizados.

Também se torna importante fazer referência a um dos maiores entraves que pauta estes projetos de rádios escolares - a sustentabilidade, como refere João Silva, da Geração C, como sendo um dos maiores entraves que o projeto enfrenta: “muitas vezes, uma das dificuldades que nós temos passa pelas equipas e pelos professores, é muito difícil contornar essa barreira, chegamos a alturas que os miúdos têm exames e é muito difícil eles gerirem tudo e a tendência que vai ser e que possivelmente vai continuar é que os professores cada vez tenham menos tempo para acompanhar as equipas, isso é muito complicado de gerir”. Mediante este ponto de vista, é crucial ultrapassar as questões de renovação de alunos e professores que fazem com que os projetos nunca tenham uma continuidade e, em consequência, nunca tenham o nível de desenvolvimento expectável. Este problema pode ser ultrapassado, como os jovens já fazem na TRIM, incluindo alunos cada vez mais novos e formando-os para que, mais tarde, possam também eles próprios formar outros colegas. Outra solução possível é a realização de manuais, por parte dos alunos, que permitam às novas equipas uma aprendizagem coesa. Em relação aos professores, é importante fomentar um espírito de abertura que permita que a educação para os *media* deixe de ser um assunto marginal à realidade da escola e da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gonnet, J. (2007). *Educação para os Media: As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Junior, J. & Coutinho, C. (2008). Rádio e Tv na *Web*: vantagens pedagógicas e dinâmicas na utilização em contexto educativo. *TEIAS*, 17(9). Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7964/1/Radio%20e%20TV.pdf>
- Silveira, A. (2011). A Educação para os Media: uma abordagem teórica acerca do conceito e da sua aplicação no contexto educativo. In S. Pereira (Org.), *Actas do 1.º Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”* (pp. 797-810). Braga: CECS Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/513>